

UM OLHAR DO PASSADO DAS CIDADES DO SERTÃO ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA

Jackelina Pinheiro Meira Kern
(UEFS/FAPESB) - Universidade Estadual de Feira de Santana
jackelinapm@hotmail.com

Resumo

Este artigo, resultante da pesquisa desenvolvida no Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade no Departamento de Artes e Letras na Universidade Estadual de Feira de Santana, discorre sobre o registro da memória visual através da fotografia, relacionada ao ambiente urbano, especificamente em relação às fachadas das casas existentes nas cidades de Juazeiro/BA e Petrolina/PE, construídas entre o final do século XIX e a década de 30 do século XX e as histórias contadas através de memorialistas, moradores e historiadores. São residências que fazem parte da história de uma elite da região, ou seja, uma representação do poder local. Utiliza-se um percurso metodológico baseado na hermenêutica da profundidade orientada por THOMPSON em que as fotografias servem de artefatos para recorrer memórias acerca das pessoas que habitavam a casa, que vão emergir durante a tomada das histórias de vida. A partir deste referencial, analisamos as mudanças em relação às construções antigas, a força de trabalho, e a beleza das edificações, assim como, a destruição lenta e progressiva, como se denunciasse o movimento do tempo e da ação dos homens frente a um processo de pensar a identidade cultural dos moradores destas casas.

Palavras-chave: Fotografia; Memória; História Oral.

Abstract

A look from the past of the towns of the hinterland through photography this article, resulting from the research developed in the master's degree in design, Interactivity and Culture in the Department of Arts and letters at the State University of Feira de Santana, talks about the record of visual memory through photography, related to the urban environments specifically in relation to the façades of existing houses in the cities of Petrolina and Juazeiro/BA/PE, built between the late 19th century and early 20th century and 30 stories told through Brazilian novelists, residents and historians. Are homes that are part of the history of an elite of the region, that is, a representation of the local authorities, built at a time when the city of Juazeiro was considered the "corte do sertão" second Tan Sa, (DUARTE 1985). A methodological path based hermeneutics by THOMPSON in which the photographs are artifacts for the memories about the people who lived in the House, that will emerge during the taking of life stories. From this benchmark, we analyze the changes in relation to the old buildings, the workforce, and the beauty of the buildings, as well as the slow and progressive destruction, as if denouncing the action of time and movement of men against a process of thinking about the cultural identity of the inhabitants of these houses.

Keywords : Photo, Memory, Oral History

Fotografia é memória e com ela se confunde.
Boris Kossoy (1998)

Introdução

Viajar, conhecer novos lugares e aprender a gostar, sentir-se um cidadão, admirar suas ruas, seus caminhos e refazer uma vida. Foi assim que descobri nas cidades do Vale do São Francisco, a beleza da sua arquitetura. Hoje em dia, algumas perecendo, mas que marcaram com a história do surgimento das cidades o glamour merecedor de uma época de ouro.

Sabemos que as fotografias do passado foram utilizadas em nosso tempo para a reconstituição dos lugares, dos cenários e até mesmo para a identificação destes locais que já não existem mais. Detalhes que modificados com o tempo e com a necessidade urbanística são vistos hoje talvez como um entulho ou como uma relíquia, dependendo da política e da cultura local, principalmente quando existe um reconhecimento da história de vida das pessoas que ajudaram a construir as cidades, aliado ao patrimônio imaterial existente em cada localidade. Aqui em nosso estudo, o vale do rio São Francisco.

Diante disso, propus-me a pensar em uma forma de registrar a memória visual relacionada ao ambiente urbano e as manifestações culturais existentes nas cidades de Juazeiro/BA e Petrolina/PE. Cidades localizadas em uma região carente e ao mesmo tempo extremamente rica em detalhes arquitetônicos e manifestações artísticas.

Desde quando cheguei a Juazeiro e Petrolina, encontrei uma vida diferente, um ar nostálgico que remetia ao que sempre busquei e ao mesmo tempo lembrando o meu passado em uma cidade bucólica, da infância peralta, na casa de minha avó, com jardins de jasmim, tachos de bronze, ferro a brasa, janelas com venezianas, algarobas na porta e do banheiro no quintal quase sem muros.

Ao longo dos anos, a região do Vale, especificamente as cidades de Juazeiro e Petrolina, caracterizam-se por uma bonita arquitetura remanescente do desenvolvimento da região e a grande influência comercial. Como diria Theodoro Sampaio, Juazeiro no início do século XX era “a corte do sertão” (DUARTE, 1985).

Estas edificações, estão situadas geograficamente na área de abrangência do Rio São Francisco, também conhecido como Opará, nome designado pelos indígenas que habitavam a região e que significa rio-mar, cuja área de extensão é de 2.800km e

drenando aproximadamente 641.000 km². O Rio começa no estado de Minas Gerais, passando pelos estados da Bahia e Pernambuco até desaguar em Sergipe e Alagoas. Penedo foi o primeiro núcleo povoador das margens do São Francisco. A cidade foi fundada em 1522, no atual estado de Alagoas, por Duarte Coelho Pereira.

O resgate da memória visual através da fotografia, meio pelo qual desenvolvi a pesquisa, nos alertou para manter um acervo de imagens das edificações, em especial das fachadas, pois as mesmas estão sendo demolidas nestas cidades. Percebemos claramente a transformação do panorama urbano e sentimos que, em breve, as cidades estarão completamente diferentes.

Um medo sempre acompanhou a minha vida ao me deparar com construções antigas, que, sem receber cuidados para preservá-la, podem vir ao chão. Não importava quem era o dono ou em que local estava inserida, sempre parei, admirei e entrei na casa à procura de uma conversa para saber mais daquela construção.

Na verdade, vejo hoje que a conversa que sempre tive com os moradores das casas por onde passei durante a minha existência, foi um modo de conscientização em relação à preservação do que estava ali, diante dos meus olhos. É difícil dormir e pensar que, ao acordar, ficarei sabendo da notícia de que a casa construída – a exemplo da moradia de Durval Barbosa, na Av. Adolfo Viana, em Juazeiro-Bahia – edificada com “adobão” (material das construções feito de barro e de modo artesanal – à mão), que abrigava lindos afrescos feitos de cal e óleo de peixe, encomendados em Salvador, e que já foi à moradia do Dr. Adolpho Viana, médico na guerra de Canudos, fora demolida. Caiu. Derrubaram. No lugar, só o barro.

Como fazer as pessoas entenderem que ali está a memória de uma cidade? Entendi que através da fotografia e da história de cada casa e dessas manifestações, essas pessoas poderiam identificar que arquitetura é memória, que a cultura local é história, faz parte não só da vida de quem herdou a construção arquitetônica, muito menos de quem cultiva as manifestações, mas faz parte da memória de toda a sociedade, a memória coletiva, como nos fala Maurice Halbwachs:

Chego pela primeira vez em Londres, e passeio com várias pessoas, ora com um, ora com outro companheiro. Tanto pode ser um arquiteto que atrai minha atenção para os edifícios, suas proporções, sua disposição, como pode ser um historiador: aprendo que tal rua foi traçada em tal época, que aquela casa viu nascer um homem conhecido, que ocorreram, aqui ou lá, incidentes notáveis. Com um pintor sou sensível à tonalidade dos parques, à linha dos palácios, das

igrejas, aos jogos de luz e sombras nas paredes e as fachadas de Westminster, do Templo, sobre o Tamisa (2004).

Deste modo, compreendo que a preservação do patrimônio, assim como a memória, é coletiva e deve ser reconhecida pela sociedade.

A motivação para registrar o patrimônio cultural das cidades de Juazeiro e Petrolina foi a falta de documentação visual sobre a maioria das cidades ao longo do rio nos acervos das Bibliotecas Públicas Municipais. A fotografia é um documento que registra uma imagem no tempo, uma vez que essas cidades - a começar por onde residio atualmente, Juazeiro e Petrolina -, sofre uma rápida transformação no panorama urbano, acentuadamente desde a chegada dos projetos de irrigação no Vale Sub-médio do São Francisco, a partir da década de 1970.

Nas cidades de Juazeiro/BA e Petrolina/PE, existem leis de patrimônio que não são cumpridas, haja vista a quantidade de casas que estão integradas nessas leis e que são demolidas talvez por falta de informação ou por falta de punição por parte do poder público. Tanto no estado da Bahia como em Pernambuco, as cidades do interior que possuem patrimônio igual ou mais antigo e belo como nos grandes centros, entre eles São Paulo, não são levados ao conhecimento dos órgãos de defesa do patrimônio como o IPAC e o IPHAN, até o seu desaparecimento por completo.



*"As coisas vivem de aparências, as casas têm suas fachadas..." - Eivaldo Macedo Filho
Rua Eduardo Brito, 164 - Juazeiro-BA*

Trabalhar a memória, as linguagens visuais e registrar através da fotografia, tornaram-se um desafio no momento em que descobri que o registro é fundamental na história da humanidade. Envolver cada vez mais pessoas na defesa de uma visão perceptiva do que é preservar uma arte na atmosfera do patrimônio, nos remete ao caráter de memória coletiva proposto por Halbwachs, e não somente como meio de informação ou de documentação visual, mas principalmente como uma forma de mudança no comportamento daqueles que convivem com a transformação urbana.

A finalidade é relacionar os estudos sobre a memória arquitetônica partir de fotografias, no qual serão evidenciados aspectos como uma demonstração dos afrescos que provocam o reconhecimento de um povo, os desenhos que representavam o empoderamento da sociedade no século passado, a influência de estilos provenientes de outras culturas na identidade da região a fim de descobrir como a sociedade se comportava, o que era considerado poder e o que significava para cada família a sua moradia, os afrescos que ali colocavam, de onde vinha o material de construção, quem eram os artistas que tão bem trabalhavam na moldura dos afrescos, algumas delas que deram origem às platibandas e a criação das indumentárias.



Desenhos da fachada de uma casa em Petrolina/PE com iniciais do proprietário e na placa, o ano de construção.

De acordo com Kossoy (1998), todo o conteúdo de uma fotografia guarda experiências de vida de um determinado momento e/ou situação significativa. Fotografias registram lembranças imutáveis de determinadas circunstâncias, de

momentos vividos que são irreversíveis. Tais momentos são animados por sensações e emoções.

Contudo, essa característica aparentemente fixa da fotografia, que poderia manter longínquo um momento registrado, torna-se também condição para se retomar aquela história particular, restaurando-a no momento presente, trazendo à tona sensações e emoções carregadas de significados, deixando de ser apenas uma referência e "reassumindo a sua condição anterior de existência" (ibdem, idem, p.45).

Caminho Teórico-metodológico para pensar o tema

A construção do referencial teórico-metodológico baseado na Hermenêutica da Profundidade de John B. Thompson, contribuirá através da análise sócio-histórica, para temas como etnia, poder, memória, religiosidade e formas simbólicas aliadas às análises das narrativas dos moradores pesquisados. Thompson (1995) propõe uma tríplice análise da HP, para compreendermos como as pessoas produzem e recebem as informações na sua vida cotidiana. A Hermenêutica da Profundidade está dividida em três momentos que compreendemos a forma de investigação do objeto e da amostra que estamos pesquisando.

A HP, segundo Thompson (1995): “[...] resumidamente, é o estudo da construção significativa e da contextualização social das formas simbólicas”. O primeiro passo para os trabalhos hermenêuticos é a etnografia com a avaliação de como os sujeitos entendem a sua realidade, a hermenêutica da vida cotidiana que chamamos de interpretação da doxa, reconstruindo as maneiras de como as pessoas entendem a realidade ao seu redor. Ainda segundo o autor, devemos nos ater no sentido das formas simbólicas que estão inseridas nos contextos sociais, em tradições históricas e que são parte da história, tanto sua racionalidade, quanto sua ideologia. Para ele, formas simbólicas são: “Um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos” (THOMPSON, 1995, p. 79).

A história de vida dos moradores, filhos, netos, parentes próximos dos proprietários dessas casas e que ainda residem nas propriedades, fará parte do contexto que envolve a pesquisa, utilizando assim as fotografias das casas para buscarmos as memórias destes moradores. No segundo momento da HP buscamos através de uma análise formal ou discursiva as histórias de vida. A história de vida pode ser identificada como processo de reconstrução da identidade, e não apenas como relato

factual, ela ordena acontecimentos que balizam uma existência social e individual, por meio do contar a sua história, o indivíduo define o seu lugar histórico e suas relações com a sua cultura.

Em um terceiro momento Thompson discorre sobre a interpretação/re- interpretação que sugere a possibilidade, a partir da observação dos resultados das duas fases anteriores, a análise discursiva e da análise sócio-histórica, que se constrói a interpretação não se esgotando em si mesma, por transcender aquilo que ele chama como re- interpretação nos possibilitando fazer uso de métodos particulares e intrínsecos de análise sem cair nas armadilhas do reducionismo e do internalismo de pensamento sobre as formas simbólicas. Para Thompson (1995), “a interpretação implica um movimento novo de pensamento, ela procede por síntese, por construção criativa de possíveis significados”.

Thompson adverte que dentro de cada enfoque da HP podemos encontrar uma variedade de métodos de pesquisa, que estão à disposição do pesquisador, desde que exista um prévio conhecimento do objeto de análise e da investigação desenvolvida.

Pensando a fotografia com um olhar do passado

Kossoy (2001) lança a pergunta de como podemos empregar a imagem enquanto instrumento de investigação e interpretação da vida histórica? Ao analisar as fotografias nesta perspectiva histórica, parte-se do princípio de que a nossa história não é meramente uma seqüência de datas, fatos puros, sem nenhuma influência externa para que possamos compreender melhor o que aconteceu com a cidade e como vivemos no presente. “A fotografia é, ao mesmo tempo, uma forma de expressão e um meio de informação e comunicação a partir do real e, portanto, um documento da vida histórica” (Kossoy, 2001, p. 131).

A interpretação histórica proposta por Kossoy, faz referência principalmente a fidedignidade do conteúdo e a fidelidade do profissional a sua proposta que pode ser publicitária ou prazer documental e estético.

Ferreira (2004), afirma que uma imagem comunica, dialoga com quem diante dela se coloca, assim, sabemos que as fotografias do passado foram utilizadas em nosso tempo para a reconstituição dos lugares, dos cenários e até mesmo para a identificação destes locais que já não existem mais. Detalhes que modificados com o tempo e com a necessidade urbanística são vistos hoje talvez como um entulho ou talvez como uma relíquia, principalmente quando aliados a identidade cultural de cada família.

Documentar através das fotografias é fazer as pessoas perceberem que essas fotos fazem parte de sua vida. Sebastião Salgado (2000), há quase quatro décadas, trabalha a fotografia como um instrumento para fazer uma denúncia, uma crítica social, de caráter foto documental.

A tradição do fotodocumentarismo, iniciada no final da metade do século XIX e no início do século XX, está relacionada a um compromisso social. A intenção é dar “ao leitor um testemunho, mostrar a quem não está lá como é ou o que sucedeu”. Nascia assim a fotografia de natureza etnográfica e documental, no qual o fotógrafo deseja “conhecer o outro, saber como o outro vive, o que pensa, como vê o mundo” (SOUSA, 2000, p.55).

Assim, ao dispor de fotografias e submetê-las ao olhar das pessoas que pertencem ao lugar, é possível criar subsídios para a reconstrução da memória tornando assim parte importante para estabelecer uma relação entre memória e fotografia, contribuindo para a história das cidades através da morfologia urbana, uma reconstrução do real, através do refinamento do olhar.

É comum que pessoas não percebam a beleza arquitetônica, os traços, sendo somente através de fotografias que se dão conta de elementos que são comuns à cultura e despertam lembranças (Susan Sontag, 1986), uma vez que as mudanças históricas continuam a se acelerar, o passado se transformou no mais surreal dos temas. Tornando possível, como disse Benjamin, ver uma beleza nova no que está em vias de desaparecer. Desde o início, os fotógrafos não só atribuíram a si a tarefa de registrar um mundo em via de desaparecer como foram empregados com esse fim por aqueles mesmos que apressavam o desaparecimento. (Benjamin apud Sontag, p. 91).

A fotografia permite analisar o geometrismo dos desenhos e dos elementos decorativos do arquiteto popular, o modo de morar e construir Ferreira (2007), pesquisador do desenho e da fotografia cita no artigo Desenho, Fotografia e Cultura na era da informática que:

Em relação ao desenho, é preciso separar concepção de representação. Enquanto concepção, ele nasce antes de qualquer materialização física, isto é, nasce necessariamente da imaginação de qualquer pessoa. É possível afirmar que a materialização deste desenho pode se dar a partir de qualquer suporte físico que projete visualmente a idéia imaginada ocorrendo, a partir deste ponto, a transformação em representação. Esta maneira de visualizá-lo poderá identificar os avanços técnicos da produção e influenciar na dimensão estilística que marcou cada fase, neste caso, o suporte usado para produzi-lo poderá atuar como meio determinante do modo de expressão (2007, p. 8).



Desenho na platibanda da casa da família Ribeiro em Juazeiro/BA

Nesse sentido, as artes do desenho, das pinturas, esculturas e outras formas de manifestações do imaginário, foram alvo de artistas de séculos passados, estudados e pesquisados por toda uma vida, que leva-nos a acreditar em muitos mistérios não esclarecidos, levantando por vezes outros que até então eram desconhecidos.

Engenheiros e desenhistas do imaginário popular, mentalmente, realizaram construções não muito distante da concepção formal encontrada no circuito oficial do patrimônio histórico. Talvez seja esse o trabalho do desenhista que desempenha através dos séculos o ofício de criar, tropeçando muitas vezes nos mistérios que ele mesmo propôs desvendar. O que sabemos de verdade, arriscando não julgar os nossos mitos e o imaginário segundo a subjetividade do outro, é facilitar uma convivência harmoniosa para problemas que em grande parte são criados pelo imaginário de uma civilização em confronto com os civilizados.

Ao analisar a memória como identidade e pertencimento, percebemos que os desenhos das platibandas e arquiteturas encontradas nas casas do Vale, nos remetem a lembranças de símbolos de poder constituído de maneira a enobrecer os que ali habitavam. Os símbolos são uma linguagem que nos ajudam a compreender o passado.

Halbwachs (2004) nos ajuda a entender que o trabalho de memória é essencialmente de elaboração da experiência, a partir de reconhecimento e reconstrução da lembrança, a partir de referências coletivas, de um grupo com o qual compartilhamos

uma visão do mundo, portanto, coletiva. Deste modo, ao olhar as fotografias sobre as casas, não se trata de recriar o passado, mas provocar uma reflexão, ressaltar a memória, trazer para dentro de nós, moradores e visitantes o sentido de pertencimento de um lugar que fez uma história cheia de glamour para um local considerado distante dos grandes centros, um local que também vivenciou a obra de grandes artistas e de moradores ilustres com uma percepção não muito diferente da capital.

Envolver cada vez mais pessoas na defesa de uma visão perceptiva do que é preservar uma arte na atmosfera do patrimônio, nos remete ao caráter de memória coletiva proposto por Halbwachs, e não somente como meio de informação ou de documentação visual, mas principalmente como uma forma de mudança no comportamento daqueles que convivem com a transformação urbana.

Referências

BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DURAND, G. *Campos do Imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

FERREIRA, E. D. *Desenho, fotografia e cultura na era da informática*. Curitiba: Gráfica. 2007.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989

HALBWACHS, M. (1877-1945). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KOSSOY, B. *Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia*. Em E. Samain (Org) *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.

SALGADO, S. *A narrativa do olhar*. – São Paulo: Bei Comunicação, 2000 (Coleção êxodos: programa educacional).

SODRÉ, M. *A verdade seduzida (Genealogia do Conceito)*. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1988.

SOTAG, S. *Ensaio sobre fotografia (on Photography)*. Trad: Rubens Figueiredo São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

SOUSA, J. P. de. *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Chapecó: Grifos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.